

Revista AzMina: diversidade de vozes, narrativas e sujeitos no jornalismo¹

Marina Lopes de Souza²

Millena Gonçalves Constantino dos Santos³

Ana Luísa Schuchter Rofino⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Resumo

O presente estudo se debruça sobre a reportagem “Por que o feminismo precisa ser antipunitivista?”, veiculada pela revista digital AzMina. O site jornalístico traz como proposta o aprofundamento em temáticas de gênero, raça e classe de forma interseccional, com um viés contra-hegemônico. Portanto, investigaremos os sinais de contra-hegemonia a partir da Análise Crítica do Discurso (ADC) para compreender a produção de sentidos materializados no texto. Recorremos aos conceitos-base da ADC, dos estudos de negritude, feminismo, subjetividade jornalística e diversidade de vozes. Inferimos que a reportagem toca em temáticas não abordadas com profundidade pelo jornalismo tradicional e tensiona a ideia de feminismo liberal que exclui mulheres negras. O texto também coloca um olhar sobre a pobreza e a lgbtfobia, quando aproxima o leitor das vítimas de violência no Brasil.

Palavras-chave: jornalismo e diversidade, jornalismo e feminismo, revista digital, jornalismo contra-hegemônico.

Resumo Expandido

A Revista AzMina é um veículo jornalístico, criado em 2015, nativo do digital (Lenzi, 2020), focado na cobertura de temas diversos com recorte de gênero. Enquanto organização, os projetos e matérias informam e conscientizam cidadãos e lideranças sobre a importância de promover e proteger os direitos das mulheres, produzindo diretamente evidências para mudanças voltadas à equidade de gênero e raça.

A reportagem aqui analisada é de autoria de Natália Sousa e intitulada “Por que o feminismo precisa ser antipunitivista?”. Em síntese, a matéria aborda como as violências de gêneros possuem camadas de dores, muitas vezes ignoradas pelo Judiciário brasileiro. O texto

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra em Comunicação, Doutoranda no PPGCOM/UFJF sob orientação do Prof. Dr. Wedencley Alves. Pesquisa jornalismo negro e suas correlções étnico-raciais com a escrivência, aquilombamento e quilombismo. Bolsista Fapemig. Email: lsouza.marina@gmail.com.

³ Mestra em Comunicação pelo PPGCOM/UFJF na linha de pesquisa Processos Comunicacionais e Interfaces Sociais, Doutoranda pelo mesmo programa na linha de pesquisa Redes, Linguagens, Memórias, sob orientação da Profª Drª Gabriela Borges Martins Caravela. Bolsista CAPES. E-mail: goncalvesmillena94@gmail.com.

⁴ Mestra em Comunicação, Doutoranda no PPGCOM/UFJF sob orientação do Prof. Dr. Wedencley Alves. Escreve, pesquisa realiza e produz projetos sobre relações étnico-raciais, culturas digitais e racismo religioso. Bolsista CAPES. E-mail: analuise.schuchter@gmail.com.

traz a importância de tratar as lutas feministas a partir de um recorte interseccional que contemple, além do gênero, raça, classe e orientações sexuais. Assim, promove-se o enfrentamento de um feminismo liberal que não abarca pautas para além da branquitude feminina cis/heteronormativa, colocando assuntos inerentes às mulheres negras, por exemplo, como um subitem. A narrativa traz um olhar subjetivo para a pobreza e a lgbtfobia, ao disponibilizar para o leitor relatos fortes das vítimas e reflexões complexas sobre as consequências do punitivismo judiciário.

Assim, observamos e discutimos sobre os processos discursivos sobre violência, punição e interseccionalidade que a reportagem materializa ao longo do conteúdo:

Ao se concentrar numa ideia de justiça que coloca todos os esforços na punição do agressor, o Estado ignora a dimensão estrutural da violência – que passa pela pobreza, racismo, lgbtfobia, escolaridade – e trata o crime, apenas como algo interpessoal, o agressor contra a vítima. Se omitindo de atuar no contexto social em que tudo ocorreu, a deixa desamparada e sem condições de se reerguer (Revista AzMina, 2024, online).

O artigo também analisa o caráter do jornalismo independente empreendido pela revista, quando a narrativa se contrapõe à visão hegemônica e do falso discurso da imparcialidade. No conteúdo, os discursos tratam da relação entre território, indivíduo e diversidade nas produções jornalísticas. Consequentemente, estimulam a diversidade de vozes e narrativas, atuando contra os discursos homogeneizantes e dominantes (Silveira; Felippi, 2023), reprodutores de estereótipos e excludentes.

Assim, a partir de Moraes (2023), discutimos sobre o aprofundamento do discurso jornalístico que rompe com o discurso da objetividade e propõe um olhar interseccional, também nomeado de "jornalismo de subjetividades". Ademais, acionamos Moraes e Silva (2019) para abordar como aquele discurso contribui para uma noção de verdade e credibilidade que, por vezes, reforça o racismo, o machismo e as lgbtfobias de caráter epistêmico.

Ao longo da discussão, os seguintes conceitos serão acionados para tensionar a análise proposta: jornalismo contra-hegemônico (Silveira; Felippi, 2023), negritude (Ribeiro, 2018), feminismo (Duarte, 2020), subjetividade jornalística e diversidade de vozes (Moraes, 2020).

Mirando os discursos sobre gênero, raça, interseccionalidade e diversidade, a partir das produções narrativas da Revista Azmina, adotamos a Análise Crítica do Discurso (ADC) (Fairclough, 2001) para traçar o perfil jornalístico e epistemológico empreendido na reportagem. Logo, compreendemos os processos discursivos como espaços e momentos de práticas sociais que são gestadas a partir de perspectivas históricas, sociais e políticas. Assim, a aplicação da ADC vai explorar a complexidade dos repertórios discursivos que estão sendo postos socialmente pela revista por compreendê-los como cruciais para transformação social ao possibilitar construções de sentidos que rompam com o jornalismo hegemônico.

Referências

DUARTE, Constância Lima. **Canção para ninar menino grande**: o homem na berlinda da Escrivência. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 134-150.

FAIRCLOUGH, Norman. **Teoria social do discurso**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

MORAES, Fabiana. Sobre que militantes engajados estão falando: Um olhar sobre a imprensa comercial brasileira e o posicionamento como estratégia jornalística. *Brazilian Journalism Research*, dossiê Jornalismo Militante, Ativista e de combate, novembro 2023. p. 26. Disponível em <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1609>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MORAES, Fabiana. Decolonizar o jornalismo brasileiro ou por uma outra construção do Nordeste. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN (ALAI), 15, 2020, Medellín – Colombia. **Anais** [...] Universidade Pontifícia Bolivariana (UPB), 3-5 jun. 2020, p.1-8.

SILVEIRA, Fernanda Nunes; FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. Territorialidades comunicacionais de mulheres no jornalismo independente feminista da Revista AzMina. **COLÓQUIO-Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 20, n. 2, abr./jun., p. 248-267, 2023.

SOUSA, Natália. *Por que o feminismo precisa ser antipunitivista?* **Revista AzMina**, 19 jul. 2023. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/por-que-o-feminismo-precisa-ser-antipunitivista/>. Acesso em: 18 maio 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 120 p.